

JORNAL: REVISTA ARQUITETURA LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 1 1964 AUTOR: FERRIRA GULLAR

TÍTULO: CONVERSA COM IVAN SERPA

ASSUNTO: \_\_\_\_\_

## artes visuais

Ferreira Gullar

### CONVERSA COM IVAN SERPA

"Estou saturado de "bonito", de quadro "confeitado", que não fala da realidade em que todos vivemos", declarou-nos o pintor Ivan Serpa, durante uma conversa acerca de sua nova fase figurativa.

Depois de dez anos de arte abstrata, oito de abstracionismo geométrico e dois de tachismo ou informalismo, Serpa percebe a inatualidade dessa arte num país como o Brasil de hoje que, afirma, "é um vulcão". Além do mais, e em consequência mesmo de seu desligamento com a realidade cotidiana, social, essa arte, no entender de Serpa, perde-se agora em exercícios gratuitos ou "bom-gôsto" para conseguir compradores.

### O OFÍCIO DE PINTAR

Falando de sua evolução, Ivan Serpa diz que o informal surgiu-lhe como o caminho natural contra o rigor concretista a que se entregara desde 1951. "Mas os vigaristas tomaram conta da pintura fazendo comércio puro e simples. Wollis era autêntico, mas não os que o copiam por oportunismo. Cansei-me e decidi buscar outro rumo. Voltar à figura que fiz em 1947/48 não me interessava, e assim parti para uma pesquisa da figura donde surgiram os quadros que expus na galeria de Tenreiro, ano passado, e os novos em que trabalho ultimamente, bem mais ligados à realidade social." E acrescenta: "Ligar a arte ao presente, este é o caminho do artista. A idéia do artista boêmio é velha, como a do artista isolado do mundo. O pintor devia viver e trabalhar como um carpinteiro ou um pedreiro. Ele deve fazer bem seu trabalho, para ganhar o pão. Arte é ofício. Nela não cabem oportunismos, de que estão cheios os salões e as galerias. Pessoas que não sabem pintar, que mal dominam o "métier", já disputam prêmios e vendem quadros a preços astronômicos... Eis porque, para mim, os salões e os prêmios perderam, hoje, qualquer significado."

### BIENAL: CONCHAVOS

Refere-se, então, ao caso da premiação da Bienal de São Paulo, afirmando que já se sabia de antemão a quem seria dado o grande prêmio. "O pintor americano Gottlieb só veio ao Brasil porque já estava certa a sua premiação. Faz uma pintura "bonitinha", de

muito bom gosto, mas que não quer dizer nada..."

Acrescenta que a irresponsabilidade grassa em todo o ambiente artístico hoje, envolvendo mesmo os artistas de talento. "Outro dia, num leilão beneficente, os quadros dos artistas profissionais foram superados nos preços pelas improvisações dos mocinhos filhos de ministros. Ouvi depois, um dos arrematadores, ao retirar os quadros que comprara, exclamar: "Que vou fazer com essa droga?" É que ele comprara o quadro apenas para agradar ao pai do pintor ilustre..."

De minha parte, lembro a Serpa que esses leilões beneficentes são, de fato, coisas criminosas. Senhoras ricas, para se fazerem de bondosas, organizam tais leilões a título de ajuda a asilos e orfanatos. Mas quem entra com o dinheiro é mesmo o artista que, lutando para sobreviver, é solicitado a dar de graça suas obras. Por que essas senhoras não tiram um pouco de seus milhões para os orfanatos, já que acreditam em caridade? O pior é que os artistas se identificam com essa farsa e contribuem. No entanto, quando a polícia mineira matou dezenas de operários da Usiminas e se esboçou aqui no Rio um movimento de ajuda às famílias desses operários, muitos artistas não se mostraram interessados. Soube de um pintor, que está sempre colaborando com as senhoras grã-finas, que respondeu ao lhe ser pedido um quadro: "Dou para você, porque é meu amigo. Só por isso."

Serpa observa, então, que, enquanto isso, em seus "ateliers" de luxo, muitos desses artistas tomam mesalina para buscar inspiração. "Quando a realidade está aí mesmo, cheia de motivos para o artista."

Observa Serpa que "é humanamente impossível fugir da realidade, desligar-se, e fazer arte. No fundo, eles apenas copiam o que vem de fora, ou se perdem em alucinações".

### "NÃO QUERO FICAR RICO"

Declara Serpa que não vendeu quase nada na exposição que fez na Tenreiro. Soube que certos compradores, decepcionados com minha nova fase, comentaram: "Isso que ele está fazendo não vende. Ninguém vai botar monstros em suas salas de visitas. Quando ele perceber que ninguém compra, ele passa a pintar coisas mais agradáveis..." Mas estão enganados — diz Serpa. Não quero ficar rico. Viverei de meu emprego e continuarei a pintar o que considero certo, gostem ou não, os grã-finos. Não pinto para salas de visitas.

## cinema/63

Carlos Diegues

Apesar de não ter sido em um ano de forte impressões cinematográficas, 1963 foi bem superior ao anterior. Do ponto de vista do cinema mundial, foram dados vigorosos passos para a liquidação de certos equívocos ao mesmo tempo que, por outro lado, manteve-se em ascensão o processo de robustecimento das linhas mais positivas do cinema em todo o mundo.

Na Europa, enquanto os países socialistas mantinham-se estagnados em suas cinematografias (à exceção da Polônia), na França adiantava-se o fim da literatice subcinematográfica que se tinha originado de alguns marginais nouvellevagueanos, e na Itália os autores sérios como Antonioni se desdobravam a caminho de novas fontes, enfrentando agora o novo tipo de cinema imposto pelos mais novos como Rossi e Gregoretti. Na Inglaterra, o fenômeno quase impar de Tony Richardson continuava a produzir efeitos magníficos.

Como de outras partes do mundo nada de inédito se apresentava, é nas Américas que continuamos a encontrar algumas fontes de originais para novos caminhos em todo o cinema do mundo. Na do Norte, grupos independentes em Nova Iorque, San Francisco e Chicago respondem ao desafio das Cleópatras com filmes de baixo orçamento, atualizados, informados, mais ou menos dentro do mesmo espírito do "cinema vérité" francês ou dos novos italianos. Na Latina, o parque é vasto — na Argentina, a luta surda (para os de fora) entre os jovens realistas (Birri, Khun etc.) e os nostálgicos de Paris (Torres Nilsson como bandeira); em Cuba, os tropeços de um cinema pós-revolucionário pouco conhecido no exterior, mas visto com simpatia nos festivais; no México, a indecisão de uma plêiade de grupos entre os quais alguns realizam de fato; no resto dos países, uma enorme vontade de fazer, cercada de dificuldades por todos os lados.

No Brasil, entretanto, o quadro cinematográfico se robusteceu. Dos filmes exibidos, uma grande parte cercou de confiança o público e a crítica. Só no fim do ano é que os graves problemas de estrutura econômica começaram a ser resolvidos, mas mesmo assim a produção não parou. Por um lado, os filmes corajosos e ousados à procura de uma saída para a linguagem e a cultura cinematográficas do homem brasileiro ("Pôrto das Caixas", "Garrincha"